

## ANÁLISE SEMIÓTICA: O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO EM *DIÁRIO DE BORDO* DE JOSÉ BESSA

Ruth Rejane Perleberg Lerm – IF-Sul/ UFRGS

### Resumo

O artigo apresenta os principais pontos abordados pela pesquisa de Mestrado, intitulada *Leitura de textos sincréticos: relações entre o verbal e o não-verbal em Diário de Bordo de José Bessa*, orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Dutra Pillar e concluída em 2010, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Pretende contribuir com pesquisas sobre leitura de imagens que tenham como objeto de estudo textos verbovisuais, bem como para as reflexões sobre a arte e seu ensino.

**Palavras-chave:** Ensino, Imagem, Leitura, Semiótica, Sincretismo.

### Abstract

*This paper discusses the main topics of the dissertation entitled "Leitura de textos sincréticos: relações entre o verbal e o não-verbal em Diário de Bordo de José Bessa", advised by Prof. Dr. Analice Dutra Pillar and published in 2010 towards a Master's Degree in Education from the Post-Graduate Program in Education of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). The intention is to advance the research on verbal-visual texts, as well as the understanding of art and art education.*

**Key words:** Education, Image, Reading, Semiotics, Syncretism.

Na busca dos efeitos de sentido provocados por manifestações culturais que sincretizam as linguagens verbal e não-verbal e desafiam nosso entendimento, na pesquisa de Mestrado *Leitura de textos sincréticos: relações entre o verbal e o não-verbal em Diário de Bordo de José Bessa*, concluída em 2010, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS e orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Dutra Pillar, fizemos um recorte na produção cultural contemporânea. Atraídos, capturados por essas manifestações, surgiram as questões: quais as relações entre o verbal e o não-verbal nesses textos sincréticos? Quais os efeitos de sentido que são produzidos por esses textos?

A partir de pesquisa bibliográfica, delimitamos como objeto de estudo *Diário de Bordo*, obra de José Bessa. Para a escolha, foram levadas em consideração suas qualidades plásticas e matéricas, seus processos de produção e distribuição e a escassez de estudos a esse respeito, no Brasil.

A pesquisa teve como aporte teórico-metodológico a Semiótica Discursiva, teoria da significação formulada por Algirdas Julien Greimas e como *corpus* de análise, as capas anterior, posterior e as vinte pranchas que compõem *Diário de Bordo*, tendo por objetivo estudar as relações entre o verbal e o não-verbal e os efeitos de sentido advindos dessas relações.

Além da análise semiótica, propriamente dita, algumas questões surgiram ao longo da pesquisa e se mostraram muito proveitosas para a compreensão do objeto de estudo. A primeira foi a necessidade de nomear ou classificar *Diário de Bordo*. A partir dos conceitos de *livro* e *livro de artista* propostos por Clive Phillpot (1982 apud SILVEIRA, 2001, p. 47-48), consideramos *Diário de Bordo* como um livro de artista, pois, além de suas qualidades matéricas e processuais que lhe conferem a qualificação de livro, o artista é o propositor, o enunciador.

A segunda questão foi qualificar *Diário de Bordo* como texto sincrético. Tendo por base os conceitos de *texto* e *sincretismo* na semiótica discursiva, qualificamos *Diário de Bordo* como *texto sincrético*, em seu *stricto sensu*. Trata-se de um conteúdo manifestado por um plano de expressão, e que, acionando várias linguagens de manifestação, não só possui uma organização interna que lhe confere o estatuto de objeto de significação, como se insere dentro de uma cultura, portanto pode ser considerado objeto de comunicação <sup>1</sup>.

O estudo, porém, suscitou novas indagações, sobre os graus em que se dá o sincretismo entre as linguagens envolvidas e quais os procedimentos de instauração de sua sincretização.

Como primeiro passo, identificamos no texto a presença de duas linguagens: a semiótica verbal escrita, manifestada por elementos grafemáticos, e a semiótica plástica, por elementos eidéticos, topológicos, matéricos e cromáticos, o que nos levou a determinar o termo *verbovisual* para caracterizar *Diário de Bordo*.

Quanto aos graus de intimidade, conferimos que as relações entre as expressões das semióticas envolvidas em *Diário de Bordo* são, em sua maioria, de aderência, coerência e inerência. As expressões verbal e plástica relacionam-se em graus que variam de uma simples semelhança entre os contornos e cores dos caracteres verbais e os formantes eidéticos e cromáticos da semiótica plástica (aderência),

passando pela relação de intersecção entre as duas expressões (coerência), até a superposição total das semióticas, a ponto de tornar quase impossível a distinção entre as mesmas (inerência).

Por outro lado, tais relações só são possíveis devido à diagramação, ao mesmo tempo procedimento narrativo/discursivo e técnico/expressivo, responsável pela sutura, costura das linguagens envolvidas no texto verbovisual <sup>2</sup>. A diagramação permite que os elementos grafemáticos da expressão verbal possam se relacionar com os elementos eidéticos, topológicos e cromáticos da expressão visual nas diversas camadas que compõem *Diário de Bordo*, de modo a podermos considerá-lo como texto sincrético em seu *stricto sensu*.

Os elementos grafemáticos assumem corpo, forma, ocupam espaços e os elementos eidéticos e cromáticos, por sua vez, são fragmentados, incluem o ruído, as imperfeições. As sobreposições com transparências das diversas camadas de fontes tipográficas, fotos, texturas e desenhos computadorizados rompem com a legibilidade em favor da leiturabilidade.

### **Análise semiótica: o Percurso Gerativo de Sentido**

A semiótica discursiva propõe-se a ler o mundo como textos ou práticas. Para a teoria, cada texto, entendido como objeto de comunicação e de significação, é composto por um Plano de Expressão e por um Plano de Conteúdo.

A análise de *Diário de Bordo* teve como ponto de partida a descrição do Plano de Expressão, a partir das categorias eidéticas, matéricas, topológicas e cromáticas. Optamos por uma leitura que não dissociasse o verbal do não-verbal, considerando a enunciação como sincrética, convergindo para um único conteúdo.

O Plano do Conteúdo, por sua vez, é lido através do Percurso Gerativo de Sentido, constituído por três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Cada um dos níveis, por sua vez, possui uma sintaxe e uma semântica.

Fazer a leitura do Percurso Gerativo de Sentido na obra *Diário de Bordo* constitui-se em desafio, a começar pelo nível fundamental. Quais seriam os termos opostos que estariam na base da obra? Poderiam eles dar conta de uma produção contemporânea?

Em *O olhar comprometido* (2001) Eric Landowski descreve as sociedades pós-industriais, a era das “sociedades complexas”: “tudo, desde os modos de sociabilidade e os comportamentos políticos até as finalidades da pesquisa científica ou as práticas da criação artística, toma doravante formas que dificilmente permitem discernir um sentido”. Essas mudanças trazem consigo o imperativo de reforma dos princípios de leitura do mundo sob o ponto de vista da semiótica, “que se tornaram inoperantes por serem simples demais, redutores demais, esquemáticos demais em relação às exigências do tempo: terminado o unívoco – viva o polifônico, o vago, ou melhor, ainda, o caos!” (LANDOWSKI, 2001, p.36-37).

Landowski (2001, p.37) alerta que, para dar conta da complexidade de nossas sociedades pós-industriais, o estudo semiótico deverá evitar deter-se aos termos polares, *contrários* e concentrar a atenção nos termos *subcontrários*, “já não totalmente isto, mas *ainda não* verdadeiramente o oposto”, nos termos *complexos*, isto é, na soma dos termos opostos, “ao mesmo tempo, isto e seu oposto”, ou ainda, nos termos *neutros*, união dos *subcontrários*, “*nem um nem outro*” (Cf. Fig. 1).

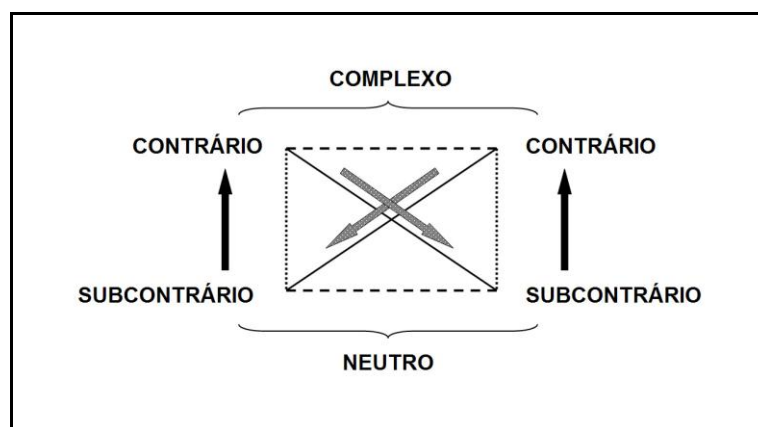


Figura 1: Quadrado semiótico.

Baseados em Landowski, nossa aposta em *Diário de Bordo* foi de não nos concentrarmos nos termos polares, mas sim nos termos *complexo* e *neutro*. Contudo, para a busca de tais termos, necessitamos procurar as oposições fundamentais, as categorias semânticas de base sobre as quais o texto se estrutura e os outros termos se constroem.

No nível fundamental, estância mais profunda do Percurso Gerativo de Sentido, várias foram as possibilidades vislumbradas ao longo da leitura de *Diário de Bordo*. Teríamos como termos contrários, /homem/ *versus* /máquina/, /natureza/ *versus* /cultura/, /vida/ *versus* /morte/ ou /humano/ *versus* /divino/.

A forte presença da busca pela transcendência, pelo espiritual, levou-nos a optar pelo quadrado semiótico constituído pelos termos /humano/ *versus* /divino/ e pelos subcontrários /não-divino/ e /não-humano/ (Fig. 2).

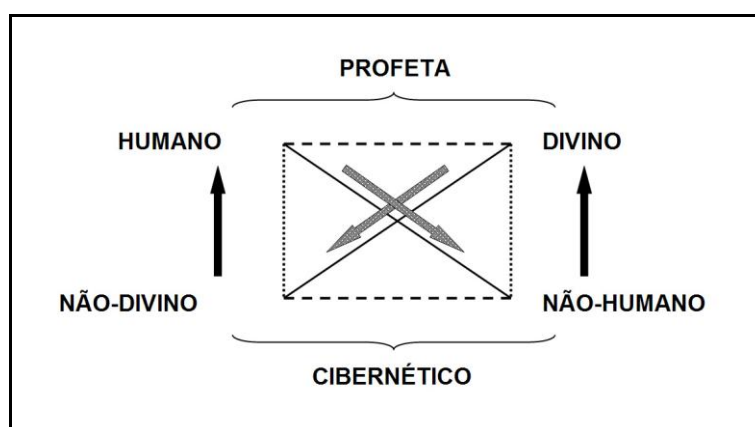


Figura 2: Quadrado semiótico proposto para *Diário de Bordo*.

O *humano* está presente na Prancha 9 (Fig. 3), no pedido de socorro, em que o actante convoca ao outro “liberta-me um instante”, “turva o sentido/impele o arrepio”. Também como *humano*, aborda temas como a vida e a morte, morte do ser na Prancha 13<sup>3</sup>, morte da palavra nas Pranchas 14 e 15 e sentimentos que fazem parte do que é ser humano, como a solidão nas Pranchas 15 e 16 e o ciúme na Prancha 20.



Figura 3: Prancha 9. *Diário de Bordo*. José Bessa, 2004.

O *divino* é presentificado na religiosidade da Prancha 6 (Fig. 4), onde lemos “reino de fé”, “apoio na cruz com olhar perdido” e “vivo uma oração” escritos por sobre cruz latina entre terços católicos. Os contornos brancos esmaecidos evocam o etéreo, espiritual, divino.

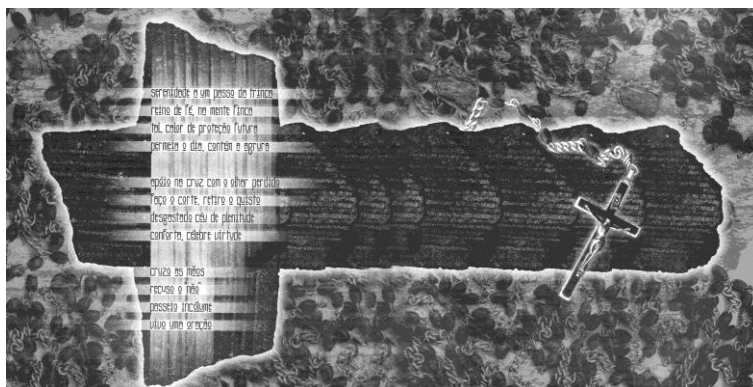


Figura 4: Prancha 6. *Diário de Bordo*. José Bessa, 2004.

Da soma dos termos contrários, surge o *profeta*, termo *complexo*, ao mesmo tempo *humano* e *divino*. No discurso, assume a figura do Profeta Gentileza na Prancha 17 que prega a “santa loucura” (Fig. 5). Humano, pois assume escrever suas “mágoas, aflito”, expondo seus sentimentos e, divino, pois quando seu “caos dá a criação”, coloca-se no lugar de um deus, que tem em suas mãos o poder de criar.

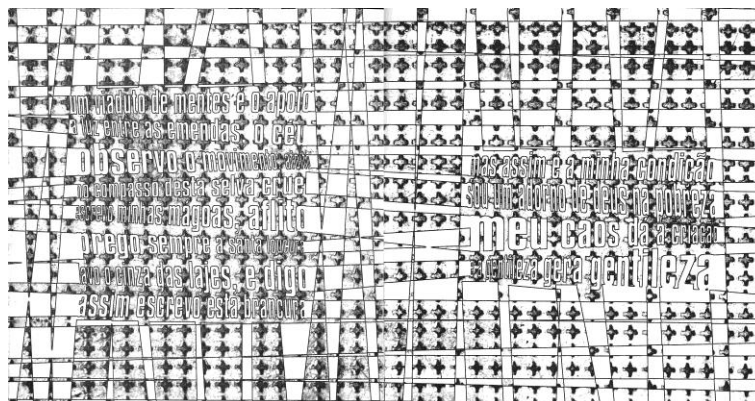


Figura 5: Prancha 17. *Diário de Bordo*. José Bessa, 2004.

Também podemos nomear *profeta* o articulista/terrorista da Prancha 1 e o poeta da Prancha 5 (Fig. 6) encoberto pelo verbal escrito em “redundantes diagramas” que afirma, em tom profético, “sou a pena que descreve endemas/ sou a cena que se traduz em poemas”.

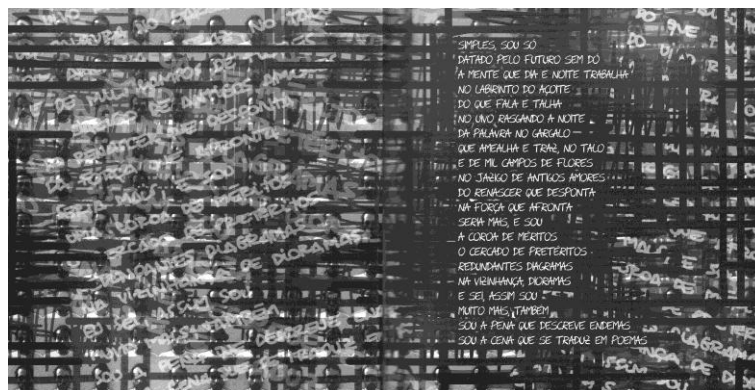


Figura 6: Prancha 5. *Diário de Bordo*. José Bessa, 2004.

Outro termo que surge a partir do quadrado é o *cibernético*, soma dos *subcontrários*, *nem* divino, *nem* humano. Nessa categoria podemos incluir aquele que se percebe como máquina, como na Prancha 2 (Fig. 7), forjado por “peças e metais”, “componentes deliberadamente/ prolixos” que “amontoam-se como/ compotas cibernéticas postas/ em placas, parcas” de circuitos eletrônicos. Também abarca aquele forçado a uma rotina desgastante, massacrado entre rolamentos, componentes de máquinas ou motores da Prancha 4 e o “bárbaro mundano” da

Prancha 8, locomovido por pistões, que perde “a vida dos outros/ na demência do motor humano”.



Figura 7: Prancha 2. *Diário de Bordo*. José Bessa, 2004.

No nível narrativo, em que “os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos, graças à ação também de sujeitos” (BARROS, 2003, p.11) como as vinte pranchas não possuem uma sequência, uma conexão direta entre elas, não podemos afirmar que *Diário de Bordo* tenha um único programa narrativo. Não existe um sujeito que cumpre um único programa. Assim, cada prancha tem sua própria narrativa e, na maioria delas, um sujeito que se encontra em disjunção com seu objeto de valor, que muda de prancha para prancha. Na Prancha 4, o sujeito encontra-se em disjunção com a decência, com o que seja ser humano, na Prancha 13 encontra-se disjuncto da vida, embora pareça a morte receber qualificação eufórica.

No nível discursivo, nível em que “as formas abstratas no nível narrativo são *revestidas* de termos que lhe dão concretude” (FIORIN, 2004, P.29), esse sujeito passa a ser actante e assume, na Prancha 1, a figura do articulista/terrorista que utiliza sua arma, o próprio ato de composição do livro, para ferir, matar aos outros com afeto. Na Prancha 5 se apresenta: “sou a pena que descreve endemas/ sou a cena que se traduz em poemas” e mais adiante, na Prancha 12, acrescenta que “as palavras que possibilitam frases/ são as formas que decorrem de /ângulos e vertigens, das quedas e /quebras de dúvida origem/ passeio pelo caráter dos tipos/



conceituando e aprimorando/ letras e normas, nos destroços/ reutilizáveis da língua que/ corre entre dedos e dígitos/ do ímpeto que não minguia.”

Em outras pranchas, assume outras figuras, como a de Gentileza, profeta, andarilho, que prega suas mensagens na rua e as pinta em seu “Livro Urbano” (Prancha 17) ou do homem traído, cujo lar tornou-se “inferno travestido de abadia” (Prancha 20).

Observamos, também, que existem alguns temas que são recorrentes, como o homem tratado como máquina, o homem que busca o espiritual, as relações entre vida e morte, a solidão.

As pranchas também não obedecem a uma ordem espacial ou temporal. Ora encontramos a cena se desenrolar entre rolamentos e engrenagens, ora somos convidados a observar, de perto, a beira da calçada. Quanto ao tempo, constatamos que a maioria das pranchas está no presente do indicativo e no pretérito imperfeito do indicativo, quinze de um total de vinte, o que nos faz pensar sobre que relações teriam esse fato com o próprio termo *Diário de Bordo*.

Segundo Bechara (2009, p.214), tanto no nível atual, a que pertence o presente, como no inatual, a que pertence o imperfeito, o falante tem “a ação verbal como ‘paralela’ a si mesmo”, isto é, “tem-se uma ação em curso: *cursiva*”. Sendo assim, os tempos verbais em que se desenvolve o discurso, em sua maioria “em curso”, concordam com a própria definição de *Diário de Bordo*, como descrição de experiências em processo, em andamento.

*Diário de Bordo*, maleta de segredos, guardados entre dedos, os mesmos dedos que empunham o lápis, teclam o computador, usando das palavras como lâminas afiadas que retiram o quisto, matam com afeto, carregam lembranças “em curso”, em movimento.

Tanto o *profeta*, ao mesmo tempo *humano* e *divino*, como o *cibernético*, *não-humano* e *não-divino*, situam-se para além dos termos polares e dão conta da complexidade de nossa sociedade atual. O fato de serem ao mesmo tempo um e outro e ainda não isso nem aquilo, traduzem a contemporaneidade, a mistura que somos, já não apenas um, mas vários ao mesmo tempo.

## Desdobramentos e contribuições

A pesquisa apontou alguns desdobramentos. Por um lado, o estudo dos graus de intimidade entre as expressões das linguagens envolvidas num texto sincrético e a utilização dos modelos provenientes da linguística e da linguagem visual carece revisão de nomenclatura e continuidade dos estudos de sua aplicabilidade em outros textos verbovisuais. Poderíamos utilizar o mesmo estudo para outros *livros de artista*? O mesmo se aplicaria para *livros-obra* ou *livros-objeto*?

Por outro lado, uma vez tendo feito a leitura de uma obra, segundo a semiótica discursiva, retornamos às questões do sujeito-professor, anteriores à pesquisa, de como o aluno lê esta produção contemporânea? Como educar o olhar para a leitura de textos sincréticos? Como adequar a teoria à sala de aula? São questões que deverão ser avançadas em estudos posteriores.

Pretendemos, dessa forma, contribuir com pesquisas sobre leitura de imagens que tenham como objeto de estudo textos verbovisuais, bem como para as reflexões sobre a arte e seu ensino, na medida em que abre o leque de imagens a serem lidas em sala de aula e, ao incluir a semiótica discursiva como possibilidade de leitura de imagens, aponta um referencial teórico e metodológico para professores de arte.

---

<sup>1</sup> As qualificações de *Diário de Bordo* como *texto* e *livro de artista* foram abordadas no artigo *Diário de Bordo: estabelecendo as bases da pesquisa*, apresentado no 18º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, em Salvador, Bahia, 2009.

<sup>2</sup> Os estudos sobre os procedimentos de instauração de sincretização foram apresentados no artigo *Sincretismo em Diário de Bordo de José Bessa: a diagramação como procedimento de instauração da sincretização entre linguagens* no 19º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, em Cachoeira, Bahia, 2010.

<sup>3</sup> As pranchas citadas no texto estão à disposição para consulta na Dissertação de Mestrado de Ruth Lerm, *Leitura de textos sincréticos: relações entre o verbal e o não-verbal em Diário de Bordo de José Bessa*, orientada pela Profª Drª Analice Dutra Pillar, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre em 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/27046>>.

---

## Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BESSA, José. **Diário de Bordo**. Rio de Janeiro: 2AB, 2004.
- CARMO JR, José Roberto do. Estratégias enunciativas na produção do texto publicitário verbovisual. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lúcia (Orgs.) **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras, 2009. p. 169-184.
- FECHINE, Yvana. Contribuições para uma semiotização da montagem. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lúcia (Orgs.) **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras, 2009. p. 323-370.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FLOCH, Jean-Marie. Alguns conceitos fundamentais em Semiótica Geral. **Documentos de estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas**. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001. (tradução de Quelques concepts fondamentaux em sémiotique générale. In: \_\_\_\_\_. *Petites mythologie de l'œil et de l'esprit pour une sémiotique plastique*. Paris: Éditions Hadès-Benjamins, 1985. p. 189-207.)
- FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologie de l'œil et de l'esprit. Pour une sémiotique plastique**. Paris: Éditions Hadès-Benjamins, 1985. .
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Semiótica: diccionario razonado de la teoria del lenguaje**. Tomo II. Madrid: Editorial Gredos, 1991.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia (Org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004. p.75-96.
- GUELMAN, Leonardo. **O Profeta Gentileza**. Disponível em: <<http://www.riocomgentileza.com.br/>> Acesso em: 24 mai. 2010.
- HJELMSLEV, Louis. **La categoria de los casos**. Madrid: Gredos, 1978.
- IASBECK, Luiz Carlos Assis. Método semiótico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. Editora Atlas: São Paulo, 2008. p.193-205.
- KOPP, Rudinei. **Design gráfico cambiante**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- LANDOWSKI, Eric. O olhar comprometido. **Revista Galáxia**. São Paulo, n.2, p. 19-56, 2001.

---

LERM, Ruth. Diário de Bordo: estabelecendo as bases da pesquisa. In: 18º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS - TRANSVERSALIDADES NAS ARTES VISUAIS, 2009, Salvador. **Anais do 18º. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - Transversalidades nas Artes Visuais**. Salvador, 2009. p. 3815-3829.

LERM, Ruth. Sincretismo em Diário de Bordo de José Bessa: a diagramação como procedimento de instauração da sincretização entre linguagens. In: 19º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS – ENTRE TERRITÓRIOS, 2010, Cachoeira. **Anais do 19º. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – Entre Territórios**. Cachoeira, 2010. p. 2466-2478.

LERM, Ruth. **Leitura de textos sincréticos: relações entre o verbal e o não-verbal em Diário de Bordo de José Bessa**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/27046>> Acesso em 06 mai. 2011.

**Profeta Gentileza**. Disponível em : <<http://oimpressionista.wordpress.com/museu-virtual-gentileza/>> Acesso em: 24 mai. 2010.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

TEIXEIRA, Lúcia. Relações entre o verbal e o não-verbal: pressupostos teóricos. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; MARRONI, Fabiane Villela (Eds.) **Caderno de discussão do Centro de Pesquisas Sociossemióticas**. São Paulo: Editora CPS, 2001. p. 415-426.

TEIXEIRA, Lúcia. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. In: **Gragoatá: revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UFF**, Niterói, EdUFF, n.16, 2004. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/cos/cps/pt-br/arquivo/Biblio-Lucia2.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2008.

TEIXEIRA, Lúcia. Copo, gaveta, memória e sentido: análise semiótica da função da crônica nos cadernos de cultura de jornais cariocas. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati. (Orgs.) **O olhar à deriva**. São Paulo: Annablume, 2004b. p.149-167.

### **Ruth Rejane Perleberg Lerm**

Graduada em Educação Artística, Habilitação em Artes Plásticas (1989) e Especialista em Arte-Educação (1992) pela Universidade Federal de Pelotas, UFPEL. Mestre em Educação (2010) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Professora do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte, GEARTE.